

POR UMA GESTÃO DO CUIDADO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Efigênia Maria Dias Costa
Prof^a DE/CCHSA/UFPB
Doutoranda em Ciências da Educação
E-mail: efigeniamdc@yahoo.com.br
Ana Maria Coutinho Sales
Prof^a DFE/CE/UFPB
Doutora em Educação
E-mail: anamcouthino@gmail.com

PRIMEIRAS PALAVRAS

No cenário da educação brasileira, em especial nos anos iniciais da educação básica – educação infantil, urge ampliar a reflexão acerca da formação do/a professor/a da criança pequena. Apesar de ter aumentado muito, no Brasil, o interesse por se realizar pesquisas nesse âmbito ainda são poucas as publicações sobre a gestão do cuidado nos cursos de formação docente e na educação da própria criança. Logo, As relações e interfaces do cuidar e do educar em creches e pré-escolas do nosso país têm revelado a confusão e as dificuldades instaladas ao longo de décadas de uma prática nas instituições de educação infantil, em que cuidar remete à ideia de assistencialismo e educar à de ensino/aprendizagem.

Esse divórcio entre cuidar e educar revela sérias e profundas questões, uma delas diz respeito aos cursos de formação de professores/as que pouco ou quase nada fala de sentimento, emoção e cuidado, embora, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e tantos outros documentos oficiais do MEC dizem que a função/papel social da educação infantil é cuidar e educar crianças de 0 a 5 anos de idade. A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 9.394/96, no seu artigo 29 diz que “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”, sem falar que a história da civilização demonstra que o cuidar sempre esteve presente nas diferentes dimensões do processo de viver e educar.

Por isso faz-se necessário trabalhar pela inserção de uma epistemologia da formação docente que possa ultrapassar as fronteiras de um conhecimento apenas teórico/metodológico/instrucional/intelectual, no sentido de garantir outras experiências, vivências, leituras e estudos que contemple a gestão do cuidado como base do conhecimento

na educação de crianças pequenas. Assim concebido, esse ensaio tem o propósito de compartilhar uma pesquisa-ação colaborativa com o objetivo de apresentar um projeto de formação continuada de professoras da infância, pautada na gestão do cuidado em suas dimensões: autocuidado, altercuidado, ecocuidado e transcuidado.

ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS

Pensar a formação docente pautada na gestão do cuidado significa necessariamente desconstruir conceitos que, historicamente, moldaram e ainda moldam as concepções de pedagogia e de processos formativo-educacionais da cultura ocidental. Uma cultura racionalista, mecanicista e reducionista que destacou a razão como valor supremo. Totalmente condicionada pelo método de investigação empírico-indutivo de Bacon, o raciocínio analítico-dedutivo de Descartes e a Física clássica de Newton orientaram e modelaram a ciência moderna, com sua tendência à quantificação, previsibilidade e controle. Nesse sentido, Crema se coloca com muita propriedade e diz que:

O triunfo da razão gerou o racionalismo científico. Dissociou-se o subjetivo do objetivo, prevalecendo o ideal da objetividade. A ênfase na quantificação conduziu à perda da dimensão qualitativa-valorativa. Reduziu-se o Mistério ao comensurável. A ciência desvinculou-se da mística, da filosofia, da ética e estética, da poesia e, de um certo modo, da própria vida (1989, p. 23).

Deste cenário, evidentemente, não se isenta a própria pedagogia e as teorias dedicadas a pensar especificamente a dimensão formativo-educacional do ser humano. Ao assumir o debate sobre a cientificidade de seu saber, a pedagogia torna-se prisioneira de armadilhas teóricas provindas do reducionismo epistemológico próprio do ambiente intelectual moderno.

Daí a importância e a necessidade urgente de romper com a cultura/concepção/pensamento de compartimentação por integração, de desarticulação por articulação, de descontinuidade por continuidade, de um/a professor/a “formado/a”, pronto/a e acabado/a por alguém que se encontra num permanente “vir a ser” (MORAES, 2004).

Logo, uma proposta de formação de professores/as pautada na gestão do cuidado, envereda pela compreensão de uma educação que não se limita à mera instrução e ou à instrumentalização tendo em vista uma finalidade prática. Na realidade pensa e defende uma educação integral que promove a autonomia do indivíduo em uma proposta de formação humanizadora de professores/as para a constituição de sua emancipação. Diz, portanto, de uma concepção de pedagogia que desenvolve a formação humana que conduz à consciência, à responsabilidade e à autodeterminação pessoal e social que leva a convivência solidária e o verdadeiro entendimento da realidade.

Cabe aqui, então, discorrer brevemente sobre o sentido da palavra gestão e cuidado, sobretudo as dimensões do cuidado, segundo Costa e Lima (2002): autocuidado, altercuidado, ecocuidado e transcuidado.

Então, segundo Cunha (2010), “gestão” é um termo que provém do latim e significa: levar sobre si, carregar, chamar a si, executar, exercer, gerar. Trata-se de algo que implica o sujeito e um dos substantivos derivado deste verbo é muito conhecido na cultura brasileira. Trata-se de *gestatio*, ou seja, gestação, isto é: o ato pelo qual se traz dentro de si algo novo e diferente: um novo ente. Ora, o termo gestão tem sua raiz etimológica em *ger* que significa *fazer brotar, germinar, fazer nascer*. Da mesma raiz provêm os termos genitora, genitor germen.

A gestão, neste sentido, pode, por analogia, ser comparável aquela pela qual a mulher se faz mãe ao dar a luz a uma nova pessoa humana. Pode-se vislumbrar aqui uma postura metodológica que implica um ou mais interlocutores com os quais se dialoga pela arte de interrogar. Nesta perspectiva, a gestão implica o diálogo como forma superior de encontro das pessoas.

Ainda segundo Cunha (2010), “cuidado” tem sua origem na palavra latina *cogitare-cogitatus*. O sentido de *cogitare-cogitatus* é o mesmo de cura que em latim se escrevia *coera* e significa: cogitar, pensar, colocar atenção, mostrar interesse, considerar.

Na expressão de Boff (1999, p. 91), “cuidado significa então desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato”. Cuidado, nessa compreensão é visto como modo de ser essencial, como *ethos*¹ humano e dimensão ontológica impossível de ser totalmente desvirtuada, ou seja, o cuidado é mais que um ato singular ou uma virtude ao lado das outras. “É um modo de ser, isto é, a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo com os outros. Melhor ainda: é um modo de ser-no-mundo que funda as relações que se estabelecem com todas as coisas” (*ibidem*, p. 92). Ideia tão bem confirmada por Waldow:

O cuidado humano em uma forma de viver, de ser, de se expressar. É uma postura ética e estética frente ao mundo. É um compromisso com o estar no mundo e contribuir com o bem-estar geral, na preservação da natureza, da dignidade humana e da nossa espiritualidade; é contribuir na construção da história, do conhecimento, da vida (1998, p. 129).

Esse modo de ser, de viver, de se relacionar, de construir cultura e conhecimento é o grande desafio da humanidade neste século XXI. Uma das formas de ultrapassar a condição

¹ No glossário do livro “Saber Cuidar”, tomamos emprestada a definição de Boff (1999, p. 195): “*Ethos: em grego significa toca do animal ou a casa humana; conjunto de princípios que regem, transculturalmente, o comportamento humano para que seja realmente humano no sentido de ser consciente, livre e responsável; o ethos constrói pessoal e socialmente o habitat humano*”.

de objeto das ciências e das técnicas para assumir-se existente, significa assumir o cuidado como dimensão ontológica intransponível a todo ser humano (FREIRE, 1996).

Para Heidegger (2002), o cuidado está entrelaçado ao ser e ao tempo porque o ser humano é o único que pode se inquietar ante os processos que vão constituir o seu futuro e as suas possibilidades. Se o humano toma o cuidado como princípio guia de sua existência, esta será a expressão de seu modo de ser-estar em relação com a vida e com o mundo. Assim, cada ato deste ser humano cuidadoso é de atenção para consigo, para com o outro, o meio e as subjetividades que vão mediar este encontro. Nesse sentido, Costa e Lima (2002), aponta as seguintes dimensões do cuidado, a saber:

Autocuidado

O autocuidado tem como propósito o emprego de ações de cuidado que contribui para o desenvolvimento humano. Implica, em primeiro lugar cuidar de si, acolher-se a si mesmo e amar-se. Ter atenção sobre si próprio. Cuidar do corpo, da mente, dos sentimentos (COSTA, 2002).

Ao falar do cuidado de si, faz-se necessário buscar na filosofia, precisamente nas obras de Foucault, a sua origem e o seu significado. Para Foucault (2004), o cuidado é substituído pelo cuidado de si. Oriundo do conhecimento socrático-platônico entendido pelo autor como a “arte da existência”, ou seja, princípio segundo o qual convém ocupar-se de si mesmo derivando em imperativos sociais e elaborando saberes coletivo.

Neste contexto se abordavam as várias virtudes tão bem discutidas por Sócrates, como a prudência, a justa medida, a justiça, a bondade, a coragem e o amor. Faziam-se duras críticas aos vícios, especialmente o mais desprezível pelos gregos e tão central em nossa cultura dominante, machista, branca, burguesa, ocidental: a *hybris*, que é passar dos limites, orgulhar-se vaidosamente, dar-se por aquilo que não é e, especialmente, pretender acumular poder para estar sobre os outros (BOFF, 2012).

O Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, aponta quatro pilares para a educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser. E afirma que:

Mais do que preparar as crianças para uma dada sociedade, o problema será, então, fornecer-lhes constantemente forças e referências intelectuais que lhes permitam compreender o mundo que as rodeia e comportar-se nele como atores responsáveis e justos. Mais do que nunca a educação parece ter como papel essencial, conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam

para desenvolver os seus talentos e permanecerem, tanto quanto possível, donos do seu próprio destino (DELORS: 2001, p. 100).

O cuidado de si exige preocupação e responsabilidade acerca do sentido da própria vida. Desenvolver a autonomia e a criticidade para não permitir que seja reduzido a um número, a um mero consumidor, a um membro de uma massa anônima, a um eco da voz do outro (FREIRE, 1996).

Altercuidado

Para falar de altercuidado, é mister entender antes o termo alteridade. Molar (2011, p. 62), pesquisando as diversas acepções do termo, chega à conclusão de que, em educação, a definição mais apropriada é a da filosofia para a qual a palavra alteridade, proveniente do “latim *alteritas*, quer dizer: ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro”.

Silva *et al* (2009, p. 699), diz que “a relação para alcançar a alteridade é dada pela exterioridade sendo uma preocupação não para comigo, mas para com o outro”.

Assim concebido, o cuidado com o outro, prima pela centralidade da com-vivência, onde todos os rituais dão relevância às atitudes de reciprocidade: o respeito comunitário, a aceitação fecunda das ideias, a partilha das responsabilidades, o reconhecimento de que cada um é essencial na teia da vida (BOFF, 2012).

Reforçando a dimensão do outro, Waldow (2004, p. 188) salienta que “cuidar de outrem possibilita cuidar de si”. E ainda acrescenta: “o cuidado deve ser nutrido, cultivado, compartilhado”.

Mayeroff (1971), à semelhança de Heidegger (2002), diz que o ser humano vive o significado de sua vida por meio do cuidado, uma vez que cuidar é um processo (interativo) de ajudar o outro ser a crescer e a se realizar.

Cuidado tem uma dimensão ontológica de unidade com a constituição da vida, o que consente reconhecer o outro como alguém necessário, jamais como ameaça. E uma dimensão epistemológica, onde situa as atitudes indispensáveis de antecipar-se ao bem estar do outro por meio de conhecimentos e ações altruístas (HEIDEGGER, 2002).

Ecocuidado

Cuidado com o ambiente e com as redes que sustentam a vida no planeta Terra é ou deve ser o compromisso de todo ser humano nos dias atuais. A nossa cultura não nos educou para a reciprocidade para com a Terra nem suscitou o sentimento de mútua pertença. Não entrou nos processos educativos o sentido do cuidado.

Na realidade, a nossa cultura moderna se caracteriza pelo excesso: de exploração da natureza; de acumulação de riqueza que faz com que menos de quinhentas famílias do mundo controlem mais da metade de todos os bens produzidos; de uma cultura que tolera a pobreza e até a miséria de grande parte da população mundial. E sobretudo uma cultura que agrediu todos os ecossistemas, fazendo uma verdadeira guerra total contra a Terra.

Então, é assim que a Carta da Terra, documento nascido de uma vasta consulta de mais de quarenta países, vinda de todos os setores da sociedade, das culturas, das religiões, das ciências e centros de pesquisa, que durou oito anos (1992-2000), sendo assumida em 2003 pela UNESCO, diz em seu preâmbulo: “ou fazemos uma aliança global para cuidar uns dos outros e da Terra ou corremos o risco de nossa autodestruição e da devastação da diversidade da vida”.

Para Boff (2012, p. 19), o cuidado é aqui evocado como o eixo estruturador de uma nova relação para com a natureza. “Ou cuidamos da vida em todas as suas formas, especialmente da vida humana, e de nossa Casa Comum, a Terra, ou podemos pôr em risco a nossa presença neste planeta”.

Transcuidado

Cuidado com tudo aquilo que dá sentido a vida, com a existência humana, com os valores transcendentais e os grandes ideais humanos, ou seja, a dimensão transcendente do existir humano. Pois, o ser humano é, indubitavelmente, um ser de transcendência.

A palavra transcendência vem do latim *trans* (além de) e *ascendere* (subir), de modo que sua etimologia dá-nos a ideia de uma transgressão sem limites, de ultrapassar, enfim de uma saída de uma posição dada, uma subida em direção a (CUNHA, 2010).

Por sua própria natureza, o ser humano não se contenta com o que está dado, deseja sempre alcançar o que julga lhe faltar, e isso indefinidamente. Experimenta uma ausência que o coloca em movimento à procura de plenitude, à procura do infinito (BOFF, 2009).

É fato incontestável que o ser humano transgride o mundo natural, e, na medida dessa transgressão, constrói cultura, faz história. A filosofia, a arte, a religião, as ciências e as técnicas compõem o grande arco da história humana e, como tais, estão a testemunhar que o ser humano é capaz de transcender-se, de ultrapassar-se (FREIRE, 1996).

METODOLOGIA

Após várias leituras de teóricos como André e Ludke (1986), André (1995), Fazenda (2004), Haguette (1999) e Thiollent (2000) sobre as diferentes possibilidades de pesquisa, a

opção metodológica para este trabalho foi pela pesquisa-ação colaborativa de cunho interdisciplinar.

Thiollent (2000, p. 103), diz que a pesquisa-ação é uma “orientação destinada ao estudo e à intervenção em situações reais”. É o que caracteriza esta pesquisa, pelo fato de ser realizada num contexto escolar real, vivo, com todas as nuances a ele pertencentes – obstáculos, variáveis, conquistas e desejos: aspectos subjetivos e objetivos da formação docente. Nessa perspectiva, André acrescenta:

A pesquisa-ação envolve sempre um plano de ação, plano esse que se baseia em objetivos, em um processo de acompanhamento e controle da ação planejada e no relato concomitante desse processo... muitas vezes, esse tipo de pesquisa recebe o nome de intervenção (1995, p. 33).

Thiollent (2000) compartilha ideias semelhantes às de André (1995) e elenca cinco características essenciais à metodologia da pesquisa-ação na mesma linha adotada neste trabalho, articulando fazeres e saberes da ação pedagógica que transformem o contexto da instituição:

- 1 – É uma estratégia de conhecimento e método de investigação concreta e de atuação em áreas sociais, como uma instituição escolar;
- 2 – As condições de captação e informação são marcadas pelo caráter coletivo do processo de investigação;
- 3 – Há uma preferência do pesquisador por agir e buscar o conjunto do grupo implicado na situação-problema;
- 4 – Há um reconhecimento do papel ativo do grupo como um todo na situação investigada;
- 5 – Há um controle metodológico rigoroso das argumentações, avanços e questionamentos do processo de formação dos membros do grupo com registros, portfólios e reflexões por escrito.

Por todas as características acima apontadas, a metodologia de pesquisa-ação mostrou ser a forma de pesquisa mais adequada ao trabalho realizado, pois foi desenvolvido junto a um grupo de professoras (todas mulheres) em serviço, baseado no uso dos seguintes instrumentos metodológicos: intervenção planejada, acompanhamento, registro, avaliação constante, re-planejamento de ações, em especial, uma produção coletiva de melhorias.

Vale ressaltar que a pesquisa-ação concebe o/a professor/a como sujeito de uma investigação-colaborativa, está pautada em vínculos de confiança e na participação de todos no processo de construção de novos conhecimentos, fruto de uma cultura escolar ressignificada e produzida no grupo, pelo grupo e para o grupo fortalecer suas práticas cotidianas (ANDRÉ, 1995).

A investigação realizada partiu da prática cotidiana do grupo de docentes da educação infantil que foram desafiadas a tomar consciência de fazeres pessoais e a buscar conhecimentos teóricos que os justificassem, em seguida o próximo passo da pesquisa foi o de estabelecer parcerias teóricas que respaldassem as práticas utilizadas e propiciassem novos fazeres decorrentes dos saberes ressignificados. Todo o processo de formação alternou momentos individuais com muitas situações coletivas desenvolvidas com a intervenção das pesquisadoras, sempre dirigida para a construção e aperfeiçoamento da concepção de educação e cuidado como função/papel social da educação infantil.

O projeto de intervenção específico para a pesquisa foi realizado entre os anos de 2011 a 2013, com o objetivo de desenvolver uma proposta de formação continuada na perspectiva da gestão do cuidado para melhoria da prática profissional de 12 professoras da Creche Padre Geraldo no município de Solânea-PB. No decorrer desse período, pudemos registrar o processo de formação desenvolvido junto ao grupo e documentar etapas significativas na construção de novos olhares para a criança na primeira infância, a responsabilidade de escolhas, o fortalecimento de uma cultura de grupo, a ressignificação dos saberes e fazeres na educação infantil, principalmente, uma nova postura diante de si mesmo e de sua circunstância baseada na ética, no zelo e respeito pela vida em todas as suas manifestações que se traduz no cuidado em suas dimensões – autocuidado, altercuidado, ecocuidado e transcuidado.

UMA AMOSTRA DO TRABALHO REALIZADO

No processo de formação desenvolvido junto ao grupo de professoras muitas foram as intervenções, mas devido à impossibilidade de compartilhar todo o trabalho realizado elencamos para o momento apenas uma amostra de alguns temas que foram e como foram trabalhados. Privilegiamos para este ensaio as Oficinas Pedagógicas por tratar de momentos de trabalho em situações coletivas e retratar a riqueza do grupo.

O papel/função social da professora de creche: educar e cuidar

A necessidade de (re)conhecer que educar e cuidar na creche é a função/papel social da educação infantil nos dias atuais, já que historicamente o atendimento às crianças pequenas, em instituições públicas, privadas e filantrópicas, esteve, em sua maioria, marcado por práticas assistenciais de guarda e custódia.

Hoje, percebemos que a realidade vivenciada nas creches e pré-escolas ainda se apresenta marcada pelas ações desenvolvidas historicamente nessas instituições. No que diz

respeito à unificação de práticas de cuidado e educação, é comum percebermos ainda ações de proteção, assistência, cuidado e guarda direcionadas às crianças pequenas nas creches, enquanto é notório a experimentação de uma pré-escolarização “precoce” firmada nos objetivos apenas do letramento/alfabetização e na “matemática do saber contar”, presentes fortemente em turmas de pré-escolas.

Nesse sentido, buscamos refletir acerca da relação cuidado-educação, enquanto ação indissociável, necessária e possível de ser vivida junto às crianças pequenas. Na tentativa de um encorajamento e na busca de novos olhares, possibilidades e sonhos, em prol de possíveis mudanças, mudanças de comportamento, de atitudes, de posturas... tão necessárias em um mundo desprovido de zelo, atenção e cuidado com todos os seres vivos deste planeta. Daí recorrermos à poesia de Cora Coralina para início das atividades e uma maior sensibilização do grupo.

Não sei se a vida é curta ou longa demais pra nós, Mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas. Muitas vezes basta ser: Colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove. E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida. É o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais, Mas que seja intensa, verdadeira, pura... Enquanto durar. (Tempodepoesia, 2012).

Após a leitura da poesia (várias vezes e de diversas formas – pausadamente, individualmente e coletivamente), propomos ao grupo a socialização dos sentimentos e entendimentos extraídos da poesia e de suas próprias experiências. A maioria das participantes, revelaram que a poesia fez lembrar fatos de sua infância (quando se sentiram cuidadas e protegidas por seus pais), todas disseram que na vida adulta isso pouco ocorreu/ocorre, pelo contrário, muitas vezes se sentem perseguidas, julgadas e prejudicadas pelas pessoas mais próximas, outras destacaram que cuidam mais dos outros do que o que são cuidadas.

Aproveitamos essas falas e tentamos ampliar a visão que temos e fazemos sobre a dimensão do cuidado. Numa sociedade de mercado como a nossa, estruturada em torno da produção da mercadoria, não da reprodução da vida, o cuidar se restringe à família, se estendendo ao máximo aos membros mais próximos de uma comunidade. Desobrigado de responsabilidades sociais, políticas e ambientais, o cuidado foi privatizado, vinculado a circunstâncias particulares, ofuscando a necessidade de um compromisso de cuidar de todos, do conjunto dos seres, humanos e não-humanos, enfim, de tudo que compõe a biosfera. Na expressão de Boff:

Cuidado é mais do que um ato singular ou uma virtude ao lado de outras. É um modo de ser, isto é, a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo com os outros. Melhor ainda: é um modo de ser-no-mundo que funda as relações que se estabelecem com todas as coisas. [...] Significa uma forma de existir e de co-existir, de estar presente, de navegar pela realidade e de relacionar-se com todas as coisas do mundo. Nessa co-existência e com-vivência, nessa navegação e nesse jogo de relações, o ser humano vai construindo seu próprio ser, sua própria consciência e sua identidade (1999, p. 34).

Tentando provocar o grupo ainda mais nesse processo de pensar-sentir-fazer, sugerimos uma breve dinâmica de relaxamento: em dupla, uma cuida da outra (através de massagens no pescoço e membros superiores) por alguns instantes.

Por unanimidade, todas disseram o quanto foi prazeroso sentir-se sendo cuidada. Um falas interessantes foram ditas por muitas, tipo: “me senti mais leve; não me senti só; gostei de ser cuidada; o cansaço foi embora”... Falas como essas nos levam à necessidade de estabelecer laços mais estreitos entre estudos sobre educação e cuidado, mas nos levam também a investigar e questionar as bases de uma cosmovisão que nos impõe divórcios e modela as relações e os espaços educacionais.

Então, para uma maior reflexão sobre a temática em questão, convidamos as participantes a se organizarem em dois grupos (em quantidade igual de pessoas) e prepararem uma pequena dramatização que demonstrasse práticas cotidianas de cuidado e educação na Creche. Um grupo encenava apenas práticas de cuidado e o outro só práticas de educação. O resultado dessa estratégia foi excelente: todas as pessoas conseguiram compreender que não podemos/devemos separar uma prática da outra, pois quando isso ocorre quem perde são as crianças.

Assim sendo, fizemos uma leitura das páginas iniciais do volume I do RCNEI que trata da concepção de educação e cuidado. O documento diz que:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Nesse processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis (2001, p. 23)

Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos [...] precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando

observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Os procedimentos de cuidado também precisam seguir os princípios de promoção da saúde (2001, p. 24-25)

Nesse sentido, vimos que o cuidado no contexto das práticas vividas nas instituições de educação infantil é parte integrante da educação. Essa condição de unidade entre o cuidar e o educar, também pode ser percebida nas orientações apontadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96, quando considera uma educação para o desenvolvimento integral da criança pequena, compreendendo a educação infantil enquanto fruto de ações amplas e complementares de cuidado e educação.

O grupo mais uma vez percebeu a importância da teoria, as contribuições que os textos trazem para o enriquecimento das práticas e evidentemente, crescimento e aprendizagem para todas as pessoas.

Relações humanas e autoestima

Tentando contribuir com a mudança, vimos à necessidade urgente de trabalhar a dimensão humana das profissionais da Creche. Então, tratamos de um tema bastante instigante para todas nós: “Relações humanas e autoestima”. Buscamos sensibilizar as professoras e demais profissionais, para a importância de uma imagem positiva de si mesma e conseqüentemente dos que a rodeiam. A autoestima no ser humano se torna indispensável para que suas ações no dia a dia sejam mais seguras e produtivas.

O/A professor/a, desde a educação infantil até a universitária representa um dos elementos-chave na formação e no desenvolvimento de gerações mais abertas, livres, seguras, competentes e, sobretudo, mais felizes e eficientes em suas vivências e resultados. Sua influência não se limita a formação acadêmica, pois intervém de forma direta e determinante na formação do caráter e da personalidade da criança e, conseqüentemente, do futuro adulto.

No trabalho docente, portanto, não está presente apenas o caráter acadêmico e de transmissão de conhecimentos, mas algo muito mais profundo, que envolve a responsabilidade de contribuir na formação das pessoas e quando essa pessoa é a criança o compromisso é ainda maior. O trabalho, então, com crianças pequenas exige um/a professor/a dotado/a de muitas competências e habilidades, entre tantas, a de saber gostar de si mesmo/a, ou seja, um/a profissional que além do domínio técnico científico busque constantemente construir uma elevada autoestima.

Inicialmente realizamos uma calorosa acolhida com um cartão de boas vindas, as profissionais da Creche. Em seguida, fizemos uma breve e empolgante harmonização ao som

da música “O que é o que é” - do cantor Gonzaguinha - cantando e dançado em forma de caracol.

Depois realizarmos uma dinâmica de apresentação – “Quem é você? Eu sou”, pedimos que as participantes escrevessem o nome delas bem bonito no centro da folha de papel ofício (entregue a elas) e ao redor do nome desenhassem aquilo que o identificasse (o que mais gosta...). Ao apresentar não apenas o nome para o grupão, mas a pessoa de cada uma que ali se encontrava (a subjetividade através dos desenhos), os sonhos, as alegrias, as tristezas etc. Isso possibilitou um grande debate em torno da luta diária que cada pessoa precisa travar em prol de suas realizações. Foi lindo! As profissionais viram que essa batalha é pessoal e intransferível.

Para subsidiar o grupo teoricamente, entregamos um pequeno texto – “Educar bem: a construção da autoestima”. Primeiro a leitura foi feita em pequenos grupos, depois seguida de debate e discussão no grande grupo. Muitas descobertas e aprendizado para as profissionais da Creche, elas viram que existe estudos que trata de um assunto importantíssimo para a vida humana: gostar de si, cuidar-se, autoconfiança, autocuidado.

Encerramos a oficina numa grande roda, cantando a música “Traduzir-se” (poesia de Ferreira Gullar, na voz de Fagner). Por fim avaliamos o encontro, cada participante fez sua apreciação em uma palavra (aprendizagem, esperança, descoberta, entusiasmo...). Expressões que alimentam nossa esperança e evidenciam que a autoestima das professoras repercute significativamente na sua prática docente, quanto mais bem resolvida consigo mesma, melhores serão as relações desenvolvidas com as crianças. Essa experiência sinaliza que as professoras não são apenas transmissoras ou receptoras de saberes produzidos por outros, pois a educação como prática pedagógica, social e histórica está diretamente articulada à vida objetiva e subjetiva dos sujeitos envolvidos na referida prática. Portanto, esta experiência destaca a importância da reflexão teórica e prática na formação docente, bem como, o debate sobre a identidade profissional dessas atrizes sociais e o desenvolvimento emancipatório das crianças.

Relações humanas e afetividade

Para trabalhar o tema em questão, iniciamos o encontro com uma acolhida calorosa – abraços afetuosos, chocolate e um cartão de boas vindas a cada profissional da Creche. Apresentamos a proposta de trabalho para aquele dia, em seguida convidamos todas as pessoas a participarem de uma dinâmica de grupo: “Amor e vida”, as participantes foram orientadas a ficarem em dupla de frente uma para a outra, formando dois círculos um dentro e

o outro fora, quem ficou no círculo de fora recebeu o nome de “Amor” e quem ficou no círculo de dentro recebeu o nome de “Vida”. E assim começamos a ler frases com a proposta de que os comandos fossem realizados. Na execução dos comandos dados, observamos os sentimentos de afeto (toque, delicadeza, respeito, carinho) demonstrados/expressados pelas profissionais durante a dinâmica.

Após a dinâmica, propomos o momento de partilha da vivência no grande grupo. Foi impressionante o que ouvimos, uma profissional disse que através da dinâmica tinha descoberto realmente que o “amor” e a “vida” são as coisas mais importantes do mundo; outra disse que em toda a sua vida nunca tinha sido tratada com tanta delicadeza e chamada de “amor”. Muitos foram os depoimentos que trouxe a tona histórias de vida desprovidas de afeto. Então, perguntamos: Como desenvolver relações afetivas com as crianças quando essas profissionais desconhecem essa prática? Que saberes são necessários na prática docente?

Muitos estudiosos da educação atestam que a prática educativa exige do/a docente, muitos saberes, desde o domínio do conhecimento ensinado/compartilhado, a forma/didática como veicula/transmite esse conhecimento e a maneira como se relaciona com os sujeitos aprendentes, e quando estes são crianças, a atenção e o cuidado as relações estabelecidas precisam ser melhor conduzidas. Isso não significa dizer que se desconsidere o zelo no desenvolvimento das relações com os/as educandos/as de diferentes idades. Em todo processo de ensino e aprendizagem faz-se necessário à construção de relações essencialmente humanas, baseadas em princípios éticos, estéticos e afetivos. Então, a afetividade hoje é um dos elementos essenciais na prática educativa de todas as pessoas, especialmente de crianças pequenas – SER em desenvolvimento, alicerce para a construção dos melhores sentimentos humanos, entre eles o respeito, o diálogo, a solidariedade, o afeto etc.

Então, para fundamentar melhor esse discurso, realizamos uma leitura coletiva compartilhada do texto “O poder do Afeto”. Após esse momento, cada participante expressou seu entendimento em relação ao texto lido. Essa experiência foi fascinante, descobrimos o potencial escondido/adormecido das profissionais - a capacidade de diálogo com o texto, o posicionamento frente às ideias apresentadas, ao mesmo tempo a confirmação da importância da formação continuada pela oportunidade que se tem de trabalhar os interesses e necessidades específicas da cada grupo.

Para aprofundar e ampliar mais as ideias do tema em questão, foi proposto a construção de um grande painel com gravuras recortadas de revistas e jornais (usados) que expressavam afeto, alegria, gentileza... Cada pessoa pegou uma gravura de seu interesse e colou no painel (feito de papel reciclado) que ficou em exposição durante um o mês. A

construção e a exposição do painel, denominado de “Nossos Afetos” teve também o intuito de conhecer mais de perto um pouco da subjetividade de cada profissional e valorizar/trabalhar sentimentos muitas vezes escondidos que em muitos casos tanto impede o crescimento individual como o crescimento coletivo. Isso foi confirmado na fala de uma professora:

Nunca fui tratada com muito carinho, aliás nem sei o que é isso, apanhei muito quando criança e desde pequena tive que trabalhar para ajudar meus pais. [...] Não consigo abraçar e acariciar outras pessoas com facilidade, não é toa que nunca tive um namorado e poucas, poucas mesmo são as minhas amizades, não quero saber da vida de ninguém, gosto de ficar sozinha no meu canto, mas também tem uma coisa, não me chamam comigo, porque senão viro fera, sai da frente. [...]. Agora, com esse trabalho de vocês aqui na Creche é que estou vendo que esse meu jeito não é bom nem pra mim mesma, as minhas colegas não gostam de mim. Vou ver o que posso fazer pra melhorar... (Registro dos depoimentos no dia da Oficina em 23/08/2012, na Creche Pd. Geraldo).

É importante registrar que uma temática desse porte é muito delicada em ser abordada, requer muito cuidado por parte do/a ministrante, não só no uso das palavras e mediações das falas dos/as participantes, mas principalmente a conduta ética no sentido de evitar especialmente os juízos de valor. Essa foi uma das questões colocadas logo no início das atividades e tem funcionado bem. O grupo se sente respeitado e sabe que o objetivo maior é a realização de um trabalho mais consciente com as crianças da Creche.

ALGUMAS PALAVRAS A GUIA DE CONCLUSÃO

“Por uma gestão do cuidado na formação de professores/as da educação infantil” – título do artigo – condensa a ideia central da pesquisa: a formação do/a professor/a da infância a partir de experiências/vivências/leituras significativas desenvolvidas, individual e coletivamente no exercício da profissão docente. A relevância da qualificação profissional de docentes da primeira infância, pautada na gestão do cuidado, foi comprovado pelos relatos de experiências desenvolvidas ao longo de anos de pesquisas com professores/as em serviço, assim como também foi comprovado que a ausência de um estudo/debate/discussão dessa natureza compromete seriamente a prática pedagógica nas instituições de educação infantil.

Vale destacar que as professoras por unanimidade registraram que durante toda a sua formação nunca tiveram acesso a um conhecimento que tratasse da concepção de cuidado de forma tão ampla como foi abordada no projeto, apenas leram e ouviram falar que se deve cuidar e educar crianças na educação infantil. Como? De que forma? A partir de que referencial? Infelizmente essa foi uma das grandes lacunas que ficou a desejar nos cursos de formação docente que participaram até então antes do projeto. Isso sinaliza os grandes

desafios a serem superados nos cursos formação de professores/as da educação infantil, seja a formação inicial ou continuada, haja vista os fundamentos e princípios legais de cuidado e educação que norteiam (ou devem nortear) as práticas de educação infantil.

Esta pesquisa, portanto, diz que os/as professores/as desenvolvem as suas práticas a partir de saberes oriundos da formação profissional e de saberes experienciais, fruto do trabalho cotidiano. Evidentemente, que muitas são as perdas e as fragilidades na educação de crianças pequenas quando não se investe numa sólida formação docente. Observamos, então, a incongruência entre as políticas públicas de educação infantil e a sua verdadeira efetivação que não acontece, ou seja, os valores proclamados são uns e os valores reais são outros (Anísio Texeira, 1976). Assim, esta pesquisa destaca a importância da formação docente e da gestão do cuidado para o debate sobre a identidade profissional e o fazer docente destes atores sociais e, o desenvolvimento de práticas pedagógicas/educativas mais transformadoras, humanizantes e humanizadoras na educação infantil.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. **Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **O Cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394/96. Brasília: D. O. U., 20/12/1996.

_____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

_____. **A Carta da Terra**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2003.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da e LIMA, Isabel Maria Sampaio Oliveira. **Programa cuidar: as várias dimensões do cuidado**. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2002.

_____. **Programa cuidar: autocuidado – um conceito em evolução**. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2002.

CREMA, Roberto. **Introdução à visão holística: um breve relato de viagem do velho ao novo paradigma**. São Paulo: Summus, 1989.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DELORS, Jacques, **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 2001.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HAGUETTE, Tereza Maria. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Parte 2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LUDKE, Menga e ANDRÉ Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E. P. U., 1986.

MAYEROFF, M. **A arte de viver e servir ao próximo para servir a si mesmo**. Rio de Janeiro: Record, 1971.

MOLAR, Jonathan de Oliveira. **A alteridade na educação: noção em construção**. Campo Mourão, PR: Revista NUPEM, v. 3, n. 5, ago./dez. 2011.

MORAES, Maria Cândida. **Pensamento ecossistêmico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

SILVA, Irene de Jesus. *et al.* **Cuidado, autocuidado e cuidado de si: uma compreensão paradigmática para o cuidado de enfermagem**. São Paulo: Rev. Esc. Enferm. USP, 2009.

TEXEIRA, Anísio. Valores proclamados e reais nas instituições escolares brasileiras. In: **Educação no Brasil: Textos selecionados**. Brasília: MEC, 1976.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2000.

WALDOW, Vera Regina. **Cuidado humano: o resgate necessário**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1998.

_____. **O cuidado na saúde: as relações entre eu, o outro e o cosmos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

http://www.tempodepoesia.name/naosei_cc.htm - Acesso em 17 de julho de 2012.